FPF_OPF_01_0011

SEMINÁRIOS AVANÇADOS EM EDUCAÇÃO

PAULO FREIRE
PUC/SP e
UNICAMP

"Ultrapassando a concepção vulgar, segundo a qual a política é a arte do possível, Lenine demonstrou que é antes a arte de transformar o que é aparentemente impossível em possível (tornar possível o impossível), rejeitando categoricamente o oportunismo. Assim definida, a ação política implica uma CRIATIVIDADE permanente".

Amílcar Cabral
"Uma luz fecunda ilumina o caminho da luta"

De uma pequena brochura, editada pela Comissão de Informação do PAIGC - Partido Africano para a Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde.

As palavras de Amílcar Cabral introduzem-nos em dois motivos pelos quais passamos a editar as reflexões que se seguem, resultadas dos "Seminários Avançados em Educação", orientados pelo Prof. Paulo Freire, que acontecem na UNICAMP. O primeiro, diz respeito ao caráter de convicção com que ambas as palavras são expressas, tanto nos discursos de Cabral, quanto nos dos participantes destes encontros, convicção esta fruto do comprometimento com as causas populares, expressa na necessária relação que passam a assumir, enquanto administradores, todos aqueles que se dedicam à causa pública. O segundo motivo, consequência do primeiro, resulta da trajetória destes mesmos administradores que, uma vez ocupando um "pedaço do poder", como afirma Paulo Freire , passam a refletir sobre os inevitáveis conflitos que surgem desta opção, numa ótica diferenciada das anteriores.

Numa perspectiva semelhante às preocupações de A. Cabral, há o interesse de preservar, mesmo dentro do quadro referencial de poder que é o burguês, um horizonte que desperte a necessidade de transformações sociais. Assim, o tempo dedicado a este pensar criticamente a educação, dentro de parâmetros político-partidários-administrativos em que a mesma se insere, resulta por produzir uma teoria de sustentação de práticas pedagógicas que visem a concreti - zar toda a expectativa popular sobre as mesmas.

Nesta relação, as funções da administração passam a incorporar funções de tradução: traduzir e re-apresentar expectativas populares em torno da formação escolar, como fundamentação de um agir político-educacional.

E, eis que segue...

Como provocação para nossa reflexão e troca de impressões quero trazer aqui um primeiro assunto; e esse assunto é justamente o convite. Refiro-me ao convite feito pela Prefeita Erundina, para que eu viesse a dedicar-me a um trabalho na Secretaria de Educação. Comento com vocês que me senti um tanto impactado: por um lado, a experiência de Secretário da Educação deveria ser algo muito gostoso; por outro lado, confesso que senti um certo susto, um certo medo quanto a esse trabalho. Comentei isso com minha mulher, pedi a ela que reunisse filhos e filhas para, também com eles, refletir as posturas que iria assumir. E comentava com eles essa sensação dupla, sentia-me conquistado pelo convite e, ao mesmo tempo, temeroso dele.

A partir de um certo momento, refletindo, me dei conta de que meu susto tinha a ver com uma postura individual, até individualista; meu medo era o receio de expor, era o receio de colocar na esfera da atuação pública um nome e uma trajetória. Havia um certo receio de expor um perfil que eu próprio havia construído. Talvez o receio de interromper uma carreira de pensador e intelectual comprometido prática e teoricamente com certas prioridades.

Ao perceber isso eu me pus contra meu próprio receio. Refleti algumas coisas assim: pôxa, se eu vier a perder esse perfil, se eu vier a comprometer essa trajetória... ou eu terei merecido perdê-los... ou então eu tenho que ainda melhor entender o que é o poder, ainda melhor entender o que é a ideologia e essas instâncias todas da vida social e política.

Pois bem... quando refleti que ESSE tipo de receio não era o melhor' e mais sensato a proceder naquele momento...então dei mais um passo em direção à aceitação do convite para trabalhar junto à Administração Pública DESSE governo eleito em Nov/88. Vejam vocês...como as coisas se somam...eu já estava refletindo outro passo muito importante para contrariar ao individualismo: refiro-me ao seguinte, eu não estaria só, eu não iria administrar sozinho. E mais ainda: eu já estava refletindo sobre a responsabilidade política de aceitar um cargo de Secretário; ou seja, já estava refletindo a partir de minha condição de homem político, militante em um determinado partido, com mais de 60 anos de vida e refazendo minha vida com minha segunda mulher...ou seja, percebam comigo, estava refletindo o conjunto de elementos individuais, familiares e sociais que minha história de vida permitia. Tratava já de refletir uma possível continuidade entre minha prática de vida de ANTES com minha prática ATUAL e para esse 1989.

Bem...dentro desse quadro...ressalto aqui alguns pontos.

O primeiro deles, refere-se a um aspecto de minha postura individual e profissional: toda minha vida eu fui contrário a posições elitistas na Educação. E, vejam vocês, depois...na sequência desses Seminários, poderemos voltar a esse tema do elitismo na educação brasileira; e voltaremos a esse tema tendo em mãos os elementos de minha postura de secretário, tendo em mãos as posturas de vocês como profissionais também convidados por administrações públicas. Pois bem...minha posição de críticas à Educação para que esta viesse a ser diferente, com uma outra cara...pois bem...quando sou convidado por esta administração Popular que me diz "tens aí, Paulo Freire, um pedaço do poder, exerça-o dentro dos parâmetros dessa Administração Popular..."E eu me perguntava se poderia dizer "não" a esse convite. Dizer "não" a esse convite seria negar-me a participar em um pedaço do poder, seria não contribuir para que o exercício desse poder aumentasse no Brasil a significação importante DESSE tipo de Administração; vale dizer o seguinte, eu teria todas as chances de concretizar posturas em Educação que alimentassem uma antiga luta de minha vida. Para dizer "não" e estar tranquilo comigo mesmo eu deveria retirar de circulação os meus livros, eu deveria abandonar minha prática docente...e ficar retirado, quieto em minha casa. Como eu gosto de cavar a coerência, fazê-la emergir de dentro de meus compromissos, eu deveria assumir. E assumir com consciência de meus

limites: sabendo de meus alcances e minha competência, sem ter medo de assumi-los...sabendo dos limites de meu alcance...Chamo a isso: humildade.

Partilho contigo, Paulo, nessa tua reflexão, em alguns pontos. Tu te referias ao receio, ao medo, e eu me identificava contigo ao (também eu) assumir um cargo na gestão pública, convidada por um partido cujas propostas e exigências são marcantes e definidas pela prioridade popular. O peso dessa decisão de assumir teve que considerar a importância histórica que, hoje, tem no país as administrações petistas. Quando tu dizias da tua reação...me lembrei de um texto teu...comentavas acerca da ousadia e da covardia. Por um lado há a vontade de enfrentar esse desafio que é posto NESSA forma de administração... por outro lado, e justamente pelas posturas que a gente vem tendo, sentia-me muito pequena diante do desafio grande. Cheguei a pensar assim...quem sabe outra pessoa?...e eu ficaria por trás, assessorando, ficando aqui no meu cantinho de UNICAMP, dando força, mobilizando...Tudo isso se colocou no que eu chamaria uma difícil decisão: consultei, como tu, marido e filhas, a quem eu sacrifico em termos de tempo, em termos de atenção. E consegui que eles entendessem que estavam assumindo, junto comigo; assim como há um grupo grande que assumiu junto. E gosto de ouvir-te, gosto de ouvir mais pessoas que estão aqui, estão passando por essa situação.

Permita-me sublinhar um tema que surge aí, em tua colocação: tu perguntas..."será que isso tudo não é uma ilusão?" Penso que a esse tema voltaremos. Essa pergunta que a gente se faz, ela implica em certos matizes... certas concepções da realidade: e isso precisa ser posto para análise, para conversa. Para aprofundar nossa compreensão sobre a revolução é que retomaremos essa temática que tu colocaste. Ou seja, encaminhar nossa reflexão para desvendar "se vale a pena" esse compromisso, com ESSA administração...e isso é começo de fazermos melhor teoria sobre exercício de governo que prepara, facilita a revolução nos procedimentos culturais, educativos.

Também eu, Paulo, compartilho contigo esse receio medroso. Tendo sido convidada pela administração eleita em minha cidade, não sendo eu explicitamente uma petista nos anos anteriores a essa gestão, é frequente comigo esse receio que tu dizias, talvez até um pouco maior em termos da responsabilidade assumida. Me sinto aliviada quanto tu dizes isso, ouvir vocês comentando as maneiras pelas quais vieram a assumir um cargo me remete de encontro a mim mesma. Convivo melhor com minha tensão e preocupação com a responsabilidade assumida.

Logo nos começos, quando nós vencemos as eleições, eu pensava que teríamos o poder de fazer as coisas acontecerem; agora percebo mais a fundo que a gente não tem esse poder de "fazer as coisas", as burocracias existem, muitas e muitas vezes a gente tem a verba, vê onde é prioridade e não pode gastar com a urgência que é preciso. Outra coisa, também muito comentada, as pessoas dizendo "agora o PT vai deixar a posição de estilingue, vai se tornar em vidraça". Eu, prá dizer a verdade, não gosto nem um pouco de me sentir como vidraça...

Faço um pequeno parêntesis em tua reflexão, acerca desse teu comentário, esse que diz do PT se tornar agora a vidraça. Vejam, meus amigos, essa expressão nos mostra uma certa concepção de governo, nos mostra uma concepção do que seja oposição. Eu me pergunto o seguinte: o fato de minhas posições me colocarem em oposição a algo (ou alguém) isso não se torna um estilingue: o fato de assumir responsabilidades em um pedaço do poder não me torna simplesmente - vidraça, nem me isenta de fazer oposições. Podemos refletir melhor, compreender melhor o que seja fazer a crítica necessária; fazer, portanto, oposição a certos posicionamentos. Estamos vivendo um momento histórico em que se explicita, mais em que outros momentos, o conflito entre posições de classe social. - Quero dizer o seguinte: quando algumas prefeituras são assumidas pela gestão PT, essas prefeituras (em diferentes graus) provocaram na imprensa uma expressão mais forte. E essa expressão que a imprensa escreve, agora mais que em

outros momentos, é aquilo que eu chamo de "expressão dos conflitos entre interesses de classe". Por exemplo, a imprensa de S.Paulo assume hoje os interesses de classes dominantes contrários a administrações populares; daí, então, eles caem de porrete sobre essas administrações que se tornam, então, a vidraça. Vidraça quer dizer, distração para os porretes das classes dominantes que (incapazes de fazer crítica e trabalhar conjunto) sabem apenas se colocar como estilingues. A questão que se coloca pode ser assim formulada: como é que eu aumento minha competência política para ganhar maiores espaços nessa luta que se trava. Devo saber isso. Mais do que ficar irado...que as vezes fico... mais que irar-me devo alcançar um nível de sabedoria em que não me espanto - com essa obviedade: é ontológico, é normal que as classes dominantes se façam distrair com estilingadas, e passem a vender essa imagem. Corresponde, aliás, à imagem antiga que classes dominantes têm vendido: dizem que o poder é aquele sacrifício, é aquele peso que pessoas desinteressadamente assumem por que estão se sacrificando pelo bem comum É contra essa simplificação que estou contrário, vale dizer, política é mais complexa do que essa barateação' que classes dominantes fazem sobre ela (política).

Estou tentando elaborar meus pensamentos, Paulo, ocorridos durante - esse teu período de aceitação e trabalhos como secretário; eu me perguntava ' se uma pessoa, investida desse tipo de cargo, se essa pessoa se tornaria algo mais pesado, como um rinoceronte burocratizado. Eu refletia se a qualidade de uma pessoa, em si mesma muito superior ao cargo e ao papel, refletia se o fato de aceitar um cargo iria dificultar à expressão e à criação dessa pessoa.

Tento responder a esse teu comentário. E lhe digo que muitos amigos, alguns parentes até, me explicitaram esse receio. Temiam por exemplo, que a coisa degringolasse. Temiam algo que ocorre quando, por exemplo, a Folha de São Paulo põe manchetes dizendo que o secretário Freire é um quase-mongolóide que não junta e explicita quatro ou cinco palavras ou frases. Temiam essa afetação que atinge ao homem Paulo Freire. Esse teu receio me revela consideração, me revela afeto e eu me sinto gostosamente agradecido. E vou fazer uma enorme força pra que continue criando e exprimindo minhas opções de vida.

Acrescento algo, Paulo, ao que tu dizes, quando me dou conta de que há inúmeros amigos, inúmeros profissionais que estão dando força para que as coisas aconteçam, as coisas deem certo enfim. Percebo que minha carência é complementada pela força de gente assim, pessoas que torcem prá que as coisas deem certo.

Onde ainda não houve porretada, por parte da Folha de São Paulo, é no que se refere à ética de administrar. Por exemplo: tenho Madalena, filha, - como uma das grandes capacidades pedagógicas desse país. E ela mora em São Paulo. Mas, embora venha ela a prestar serviços em alguns aspectos, não vai ser contratada por mim. Não será funcionária nomeada pelo Secretário Paulo' Freire.

Talvez, Paulo, refletindo contigo nesse ângulo que tu colocas, talvez fosse menos problemático uma nomeação de pessoa assim, reconhecidamente' competente e necessária, como uma nomeação feita pelo partido; vale dizer o seguinte, as várias instâncias do partido seriam consultadas, o currículo da profissional seria submetido à apreciação, e quando aprovada em várias instâncias do partido (através da diretiva) faria a nomeação. Seria uma nomeação - não da administração, mas sim da direção do partido que foi eleito para administrar. Talvez, Paulo, fosse um caminho menos problemático e bastante profissional de não criar dificuldades éticas a um Secretário.

Outro dia, comento com vocês, almocei com uma professora, Secretária de Educação, e ela me dizia que tinha dificuldades com as seis (6) escolas do município dela...eu sorria cá comigo...pensando nas seiscentas e tantas escolas de S.Paulo. Quero dizer o seguinte, prá nossa reflexão encaminhar-se....

por um lado há um déficit quantitativo muito grande, por outro lado há um déficit qualitativo também grande. Esses dois déficits se apresentam na Escola, seja em que município for.

Em seguida, avançando na reflexão desses dois déficits, é importante lembrar que estamos enfrentando-nos com um problema POLÍTICO que tem seus aspectos técnicos a serem estudados. Por isso mesmo, a pessoa que assumir à Secretaria, ela nunca assume cargos ela-só, sozinha; quem assume junto com a pessoa é um quadro partidário. Isso é uma decisão política que é tomada em grupo. Por aí às vezes, é que entendemos que uma pessoa a quem conhecemos - como séria, a quem reconhecemos como decente...essa pessoa assume um cargo e aceita posicionamentos menos decentes do que ela própria. Lembremo-nos do caso do ministro Portela, aquele que descobriu que "estava ministro". Foi um caso em que uma situação e um quadro de elementos político-partidários assumiu uma gestão e nomeou algumas pessoas; quando sérias (mesmo que não revolucionárias) corriam esse risco de se desconhecerem no desdobramento de seus atos. Ou seja, o fulano que aceitar um cargo deve se lembrar que (para permanecer ' sério e decente) ele deve estar em conjunto com quadros também sérios e também decentes.

Em nosso caso, o PT na administração, pretendendo de maneira séria' revolucionar as condições de ensino junto com os quadros que acreditam e trabalham para essa transformação, esse partido deve tentar refletir e elaborar' condições técnicas para que politicamente essa transformação se viabilize. É o que eu dizia, antes, acerca de ser competente e suficiente para alargar os espaços de concretização DESSA proposta, DESSA administração. Deverá haver engenhosidade para melhor se aparelhar e, na política, administrar o problema ' dos dois déficits que mencionei. Me lembro do exemplo do Leonel Brizola que, sem pretensão de ser revolucionário, desejava enfrentar os dois déficits da educação, cercousse de técnicos suficientemente competentes e viabilizou situações que enfrentaram aos déficits; mas é importante lembrar, essas engenhosidades técnicas são precedidas da decisão política de orientar assim ou assado.

Então...se você se decide, digamos, a enfrentar o desafio de superar o déficit da (pouca) quantidade de espaço escolar para as crianças populares, você estará necessariamente se pondo (a médio prazo) a questão qualitativa; pais e mães de crianças que tenham mais acesso a escola serão mais exigentes; crianças com mais acesso e mais frequência ao processo educativo são crianças mais exigentes, todo mundo requer uma escola qualitativamente melhor.

Paulo, nessa questão que tu estás colocando...concordo que seja uma questão nacional nesse país. O município de Campinas, que já foi considerado um dos melhores do Brasil em termos de urbanidade, nos permite refletir sobre a junção destes 2 aspectos: qualidade e quantidade de ensino e escola. O menino ou menina, ele teve acesso à escola, e o período de frequência dele (a) nessa escola nos é indicador...a permanência dessa criança é que nos indica ' se quantidade/qualidade estão de bem com a necessidade infantil. Pois... se essa criança entrou para a escola e tempos depois dela se retira sentindo-se culpado de um "fracasso" ocorrido...então essa junção quantidade/qualidade - não anda bem. Esse desafio acontece em Campinas, na região 7, aquela mais operária, formada pela última grande migração aqui sofrida, pois nessa região a evasão escolar alcança a cifra de 92,5%. Esse dado, no que se refere a matrícula de primeira a oitava série...

Esse eu denominaria como um momento dramático da experiência educativa de uma classe social. Para se levar a sério uma administração popular é fundamental resolver essa "reprovação" que tem sido sistematicamente posta em cima de classes trabalhadoras. Uma certa ideologia liberal tem concordado, ul

timamente, em instituir a chamada aprovação sistemática. Quer dizer, a criança "passa de ano automaticamente, da primeira para a segunda série, sem qualquer aferição de saber. Essa criança leva prá casa um certo triunfo desse primeiro "passar de ano" e, na passagem da segunda para terceira série, acontece a mas siva"reprovação". Essa aferição de saber que é camuflada num período...e é reprovadora num outro período...isso temos por enfrentar. Temos, pela frente,- de melhor capacitar o ensino/aprendizagem nos primeiros anos da vida escolar' (e, nisso, temos a contribuição de Emília Ferreiro) para que nessa criança se forme uma certa disciplina educativa, se forme um certo hábito cultural de ex periência escolar...essa criança é mais teimosamente a favor de prosseguir - seus estudos.

Talvez vocês já tenham ouvido mencionar isso...tenho teimado muito na cidade de São Paulo com a questão; conservação de prédios. Às vezes me parece que este é um país das inaugurações...se inaugura com total ênfase, mas não se preserva; em minha Secretaria, cerca de 60% dos prédios escolares estão carentes de um sério reparo. Isso é abuso e má administração da coisa pública; há algumas 50 escolas que necessitam reconstruir, outras tantas foram interditadas pela periculosidade...houve escolas inauguradas que estão sem água, sem luz, sem carteiras...havendo diretoras ou professoras nomeadas, apenas. Fui convidado, 15 dias atrás, por uma Associação de Moradores...os familiares de 800 crianças, irritados, dada a completa falta de condições, queriam depredar um prédio, queriam arrancar uma ostensiva placa que anunciava "inaugurado em tanto de tanto". E eu comentava com eles o seguinte: devemos preservar esse ti po de placa, essa documentação de um tipo de governo que inaugura fantasmas e ...quando povoarmos de fato aos prédios colocaremos uma "anti-placa" anunciando a verdadeira inauguração, a verdadeira ocupação dos prédios pelos usuários. Não tenho, portanto, prometido inaugurações...tenho tentado preservar e mater a esses fantasmas que tem sido apenas inaugurados.

Lhe digo, Paulo, de minha experiência, em alguns locais da Amazônia nos quais se anuncia (pelos papéis) e existência de escolas inauguradas; pois, nesses locais, se tu vai ver de perto, existe uma sala, pouco mobiliada, e é a essa sala que se denomina como escola. E para ela se canalizam várias ver bas, a ela se referem os políticos em discursos estatísticos.

Outro desafio, ainda dentro daquilo que antes denominei criar engenhosidades técnicas que facilitem posturas políticas, é o desafio de superarmos burocratismos descabidos. Por exemplo, se chega a minha mesa, para o Secre tário assinar, um despacho que já soma mais de 20 assinaturas e carimbos, refe rentes a duas faltas abonadas de uma professora no mês de setembro/88... isso é preciso superar. Tenho insistido em grupos de ação, onde por exemplo, convido três ou cinco pessoas para discutirmos e aprimorarmos uma idéia, ou algumas semanas para esse grupo estudar e me trazer essa idéia conduzida e mais ' concretizada. Desse grupo de aço decorrerá, possivelmente, bons programas, bo as medidas.

Administrar é, também, desenvolver a capacidade de contornar e supe rar certos problemas postos no cotidiano pela "tradição de burocracias seculares" neste país. Trata-se quase de uma adivinhação, na qual se conta com pessoas e energias presentes a cada momento para elaborar uma superação. Por exem plo...numa expressão nordestina...você não pode "se emprenhar pelos ouvidos",- ou seja, elaborar juízos e tomar atitudes a partir (somente) de boatos, cochichos, etc.

Assumo isto que tu dizes, Paulo, numa esfera outra. Estou aqui pensando num partido em que, por fertilidade talvez, há inúmeras tendências e inú meras linhas de ação...é importante não nos "emprenharmos pelo ouvido"...

E, retomando, aqui reflito a nossa relação com os membros do partido. Pedimos, recentemente, uma relação de reuniões sistemáticas com toda a

bancada do PT em nossa Câmara de Vereadores. Já tivemos uma destas, quero ver se alargo isso, para que nossas instâncias de poder na Câmara Estadual, Federal saibam quem somos, o que fazemos aqui. E isso tendo em vista o seguinte: o sujeito que ocupa a cadeira de Secretário, bem como seus assessores mais ligados, são pessoas de partido.

Penso na relação entre administração e partido da seguinte forma ...é importante que essa administração possa enchergar ao partido, é importante que, na poeira que essa administração levanta, ela possa ver ao partido através da poeira levantada. Ou seja, se ela deixa de enchergar ao partido por causa da poeira levantada, essa administração está, ao meu ver, demasiadamente longe de seu partido. Ou seja, ela está andando muito depressa em sua gestão, e vai se adiantando demasiadamente a ponto de ocultar (com a poeira) as suas origens partidárias. Por outro lado, essa administração não deve, a meu ver, colar-se' demasiadamente ao partido, a ponto de tê-lo sempre colado a si. Isso significaria que essa administração estaria demasiado lenta e seria apenas empurrada pelo partido. Então, esse seria o caso de ele, partido, estar governando em lugar da administração. Com esse caso eu não concordaria, sem princípio.

Parando por aqui...penso que poderíamos, na próxima semana, refletir ' sobre nossa tentativa de mudanças "na cara da escola"

Um dos temas que havíamos refletido, em nosso encontro anterior, dizia respeito ao seguinte fato...uma pessoa que assuma um cargo de diretor, ou cargo de confiança em Educação...pois bem, dizíamos que é necessário que essa pessoa tenha refletido bastante sua posição política, seu engajamento partidário. Essa pessoa, dizíamos também, vai tomando contato com as condições materiais de seu setor e se depara com aquele duplo desafio...a melhora qualitativa e a melhora quantitativa na Educação (principalmente, nos referíamos, na Educação alfabetizadora). Essa pessoa, pensávamos aqui, quando se perguntar acerca das 'respostas" oferecidas pela escola que temos...e, vejam vocês, oferecidas a certas 'expectativas propostas pelo bairro, pelas famílias... essa pessoa se depara com alguns problemas; são problemas de nível local, alguns problemas de nível mais amplo e...para o enfretamento diante desses problemas haverá 'respostas' oferecidas pela pessoa em questão. POIS BEM, essas respostas aos desafios aqui mencionados serão respostas comprometidas politicamente. Vale dizer o seguinte...o problema é político (além de pedagógico...) e as ' respostas serão políticas (além de pedagógicas...).

Tendo esclarecido qual é o colorido político com o qual se vai enfrentar aos problemas da qualidade e da quantidade...vamos, então, descobrindo os obstáculos. Por exemplo: na cidade de S.Paulo, alguns dados estatísticos mencionam (e eu penso que os números são ainda maiores) duzentas mil crianças sem escola, evadidas, algumas delas simplesmente com outro projeto de vida que não a escolaridade. Claro...nós já sabemos...esses 200 mil são elementos oriundos das camadas populares; o desafio que se põe é, portanto, uma escola que atenda as expectativas populares de escolaridade. Temos, pela frente, o problema de encontrar espaços, encontrar locais em que se possa construir, E AÍ JÁ APARECEU o problema seguinte...que é a questão de manutenção ' desses prédios construídos. Tenho comigo a impressão que esse é o país das inaugurações; se inaugura muito...fazendo espalhafatosa propaganda da inauguração...e em seguida se abandona, não se previne nem se planeja a manutenção' da coisa pública. O gasto com a manutenção é um gasto que não traz prestígio político nem traz votos. Isso tem me chamado muito a atenção. Aproximadamente 60% de edifícios escolares em S.Paulo estão pedindo urgente manutenção.

Pois bem, deixo aqui esse meu depoimento que tem a ver com o momento em que estamos politicamente dando 'respostas'...você, diretor, você administrador deve preocupar-se com inaugurar e, também, preocupar-se com o planejamento de manutenção. Pois muito se estraga neste país com este gasto que é consumido através do abandono.

Paralelamente a esse problema do descaso com a coisa pública há outra questão, também muito onerosa para o cofre municipal, estadual, etc.; - quando você vai construir um prédio, faz a licitação na forma legal, surge uma firma grande e ganha o contrato nessa licitação...ocorre aí que essas firmas grandes (de posse do contrato) repassam a contrução para uma firma pequenam de poucas posses; claro que está ocorrendo o seguinte...a firma pequena é sub-contratada por miseráveis preços, que não são iguais ao preço pelo qual a grande firma recebeu na licitação. Vejam vocês: a pequena firma, mal remunerada, constrói porcarias, tenta comprar as pessoas que são responsáveis pela ' fiscalização qualitativa das construções. Evidentemente que não são todos, - claro que há exceções entre as construções feitas...mas estou mencionando ' aqui esse espírito muito comum de tratar "mal" a coisa pública; administra-se de modo privado, ou seja, lucrando pessoalmente, às coisas que são pagas pelo orçamento público. Outro exemplo, eu desconheço qualquer industrial, qualquer indústria particular no país que tenha dois, três ou dez funcionários ociosos em seu setor de trabalho; nenhum gerente particular admite pessoas

para ter empregados mal ocupados. Pois bem...quando esses mesmos gerentes estão numa estatal, quando estão num gabinete do funcionalismo público é comum vermos gerentes contratando várias pessoas mal ocupadas, e até ociosas. A partir daí temos o seguinte: surge aquele discurso segundo o qual a coisa pública não vale nada; a administração pública nada vale, tendo em vista essas coisas que ocorrem. O discurso néo-liberal que está vivo por aí apregoa que devemos, então, privatizar tudo, tendo em vista que é o privado que conduz bem a economia. ORA,bastaria que politicamente houvesse mais decência, melhor orientação ética para a direção administrativa pública. Isso não se diz. Algumas elites nesse país conseguem, com habilidade, administrar "domesticamente" ao patrimônio público e, paralelamente, conseguem desmoralizar às iniciativas que são necessariamente tarefas do estado. Claro que essa orientação pode ser politicamente mudada: é importante mudarmos maneiras de governar. Em seguida teremos melhor direção, melhor rendimento na coisa pública. E É CLARO QUE NÃO SÃO OS TRABALHADORES que estão desencaminhando e maltratando a política administrativa pública.

Estamos refletindo alguns passos, entre nós, na Secretaria da Educação, do enfrentamento que é político-pedagógico diante desses fenômenos...convocamos às famílias, convocamos aos organismos representativos da localidade e, em reunião, em uma espécie de "comício", os administradores da coisa pública demonstram (com dados) as atitudes e as medidas que são nocivas ao dinheiro público. Trata-se aí de educar à população para que esta seja "fiscal" das atitudes e medidas da Administração; chamar a atenção para que ele próprio, - administrador, seja acompanhado e vigiado. Estaremos contribuindo para que inexista neste país este espírito de inauguração de obras como se fosse favor ou bondade de políticos/candidatos: estaremos entendendo a administração como dever de políticos e candidatos. Não se inaugura coisa alguma como campanha:- isso é dever do administrador.

Há um outro obstáculo a ser enfrentado.

Trata-se daquela burocracia que é exageradamente concentradora de tarefas e de poder. Não se trata, portanto, daquela burocracia que é um mínimo de facilitação dos trabalhos. O ritmo burocrático de uma Secretaria não deve ser (como tem sido...) um obstáculo ao andamento dos trabalhos.

Neste momento aí, Paulo, de tuas colocações, temos um exemplo recente, na cidade de Campinas. Tendo pela frente a inauguração de algumas creches, fizemos algumas reuniões com familiares, reunimos aos órgãos representativos das regiões em que estão situadas as creches e comentamos acerca da contratação necessária de algumas funcionárias; fizemos anotações de nomes, fizemos inscrições organizadas pelos órgãos de bairros, fizemos um perfil das funcionárias que seriam as mais desejadas tendo em vista a contratação de pessoas daqueles bairros próximos à creche...por aí tudo podes ver como traçamos junto àquela população, um perfil da profissional da creche mais desejada. Depois de um grande trabalho feito constatamos que não havia estrutura nem jurídica, nem administrativa no próprio poder público municipal para efetivarmos tais providências; ou seja, as decisões tomadas a nível de bairro, a nível de região não cabem dentro dos parâmetros jurídico-administrativos. Anulamos aos esforços feitos até então, mandando carta a cada pessoa inscrita; abriu-se, então nova inscrição, de caráter abrangente, as novas inscrições abertas, não podem ser feitas em bairro, são necessariamente processadas no Paço Municipal, Secretaria de Administração; os critérios de seleção não podem incluir o critério de moradia no local de trabalho (bairro). Foi uma longa conversa,- com aquelas pessoas, para aclarar que os interesses de um bairro (ou região)

podem não coincidir com os interesses de toda a cidade. Esse episódio rendeu muita imprensa, jornais dramatizando o ocorrido...

Outra questão, também acontecida, que foi desafiante e merece nossa reflexão: como é que tu podes transformar um levantamento de perfil, feito entre as pessoas da região, de modo a obter uma prova, ou um teste com alguma objetividade? Como fazer com que o concurso tenha a objetividade relacionada àquele trabalho (de bairro)?. Foi um desafio à inteligência competente de técnicos. Essa prova foi feita, num primeiro momento era eliminatória, constava - questões sobre a prática de serviço de uma funcionária/auxiliar em creche; quase nenhuma pessoa foi eliminada nessa primeira fase. Surgiram respostas interessantes de refletirmos aqui: por exemplo, numa questão de assinalar certo ou errado, havia perguntado se devia a auxiliar obedecer em tudo, no caso, significava obediência a quaisquer ordens. Quase 100% das respostas assinalaram "sim", disse certo. OUTRA QUESTÃO: perguntava se todas as questões ocorridas na creche devem passar pela Prefeitura (no caso, o prédio central); quase cem por cento assinalou "certo". Veja bem, pudemos refletir que tais respostas buscam interpretar aquilo que elas (examinadas) imaginam ser o certo para a instituição. O DESAFIO QUE AQUI COLOCO é aquele, por nós enfrentado, de conseguir transportar para o papel (para uma certa objetividade jurídica) algumas noções e alguns princípios trabalhados no interior do bairro. Como transportar tais princípios para critérios da instituição?

E esse desafio prossegue. Temos por elaborar alguns critérios de avaliar pessoas, considerando que tais pessoas já puderam (subjetivamente) entender e participar nessa objetividade avaliadora; critérios surgem...como sociabilidade, participação, cooperação, etc. E mesmo com todo esse cuidado para alcançarmos uma objetividade normativa que seja, portanto, geral para a cidade, há riscos. Sabemos que corremos riscos. E julgamos que o risco maior seria tentar evitar ao risco.

Dou um exemplo, contribuindo nessa tua reflexão. Lá em S.Paulo, quando houve concursos desse tipo, era fornecida uma certa bibliografia, alguns autores, e pedia-se que o examinando soubesse discorrer a partir desses autores mencionados. De passagem, digo que o M. Gadotti e o Paulo Freire eram autores proibidos de constar em listas. Mas, vejam vocês, penso que uma seleção melhor empreendida poderia mencionar alguns temas, cabendo aos examinandos desenvolver esse ou aquele tema. Claro que autores surgiriam nesse desenvolvimento de temas, mas o fundamental seria a criação efetuada pelo examinando.

Pois bem, continuando, quando você se põe a enfrentar a quaisquer daquelas duas formas de desafio (o desafio quantitativo e o desafio qualitativo) você estará, necessariamente, pensando e trabalhando a partir de uma certa opção política, Vale dizer, você vai buscando melhor escola e mais prédios escolares de acordo com alguns interesses, e são os interesses das maiorias que buscam a escola pública. Um inimigo forte, vimos aqui, é a burocracia, ela trava. Nessa altura, vemos também, não apenas a burocracia é inimiga, mas também há obstáculos de natureza política, ideológica. Esses obtáculos surgem interna e externamente em uma Secretaria. E tais obstáculos, sendo enfrentados, eles fazem parte da resposta que é oferecida; ou seja, a melhoria da qualidade, a ampliação quantitativa, elas contém em si maneiras de enfrentamento àqueles obstáculos.

E é aí que essa Administração, assim posicionada pelos interesses da maioria, é uma Administração que vai provocando "má-querença" por parte da imprensa. Principalmente naquela imprensa que defende interesses dominantes: e aí você diz uma coisa "A"...a imprensa repõe o teu "A" de maneira a anunciar

que teu "A" foi, na verdade, um "B" que (ela imprensa) como dona do desvendamento da realidade interpreta e anuncia. Quero dizer: não cabe, para a imprensa escudada em interesses burgueses, não cabe e não vale dizer e proceder transparentemente; isso não vale, na medida em que (imprensa) é que se supões única portadora de interpretação. Claro, né? se você se posiciona buscando orientar-se por interesses das classes populares...então você não prioriza interesses de menino (a) rico ou quase rico. E aí vem a imprensa que diz de você como alguém que prejudica alguns...Estou me lembrando aqui, quando surgiu aquele tema da lingua gem; a Folha de S.Paulo põe manchete assim "Freire vai brigar com professora ' que corrigir aos nós cheguemo". ORA...tenho dito, até escrito, que o fenômeno - vital implica, necessariamente, em correção; inexiste vida sem contar com aquela correção de processo. Até mesmo a noção e o exercício da liberdade, eles se dão na medida em que há limites; são os atos de superar e repor aos limites que constituem ao "livre" no ser humano. CLARO...sabendo disso tudo, claro que eu não diria nunca aquilo que a Folha diz que eu disse. E ela, Folha, coloca essa manchete de modo a aparecer que interpretou àquilo que eu, subjacentemente, afirmei em meu dizer. A ISSO QUE ESTÁ ACONTECENDO eu denomino como sendo uma faceta da luta de classes. Ela, imprensa, reage de modo defensivo, alegando uma "maioria" desatendida por minha opção política popular...e é ela, também, quem nega, sempre negou, a tal de luta de classes. Afirmando-se defensora de um vago "caráter universal da educação"...ela Folha não pode reconhecer como em luta contra os interesses das populações periféricas.

Vejam bem, meus amigos, eu não estou reinvidicando aqui que a imprensa devesse rasgar-se em elogios à administração atual; o que eu exijo é que ela,- imprensa, diga na íntegra e sem distorcer àquilo que nós dissermos ou fizermos. Por exemplo, tenho vivido a experiência de dar depoimentos a jornais norte-americanos, sabendo de antemão que esses jornais discordam de mim; pois bem,recorto o jornal e vejo que eles publicam sem distorcer minhas palavras, publicam a integralidade de palavras e atos. Claro que ele, jornal, poderá fazer um editorial e, ao lado da notícia, discordar ou criticar àquilo que eu disse. Mas isso respeita a uma ética que, mesmo na luta de classes prevalece. E essa ética pode ser demandada por nós todos. Ou seja, é possível para as esquerdas, na medida' em que estas amadurecam sua experiência ética...é possível fazer crescer à direita. Tenho uma impressão...reflitam isso comigo...parece-me que nós, esquerda, às vezes minimizamos demasiado a compreensão popular da ética. Se nós tomásse - mos posições, se nós publicamente falássemos dessas posições, claro que sem vangloriar... penso que poderíamos crescer todos, penso que ajudaríamos as massas populares a melhor fiscalizar o que se faz neste país. Às vezes, é tentador aquele gozo (eu diria um gozo safado), de desimportar-se com a postura ética. Por exemplo: conversando com muitas e muitas pessoas, em nossos "comícios político-pedagógico", nessa conversa encontra um jeito e, rapidamente, deixo claro que minha filha, embora altamente competente...e por isso presente na Secretaria... não é pessoa contratada, nem tem salário. Porque contratar parente tem sido uma ética que eu desaprovo. Penso que atitudes como essa, sem vangloriamentos, são atitudes educativas do ponto vista ético. Digo para vocês uma coisa: isso se respeita. Planta-se posturas éticas.

Denomino a isso postura pedagógica. Sei que as condições materiais são as criadoras de uma ética vigente...daí que a ética vigente está num acordo com o que se passa no contexto. Mas, também sei que a ética vai mudando (a seu modo com sua peculiaridade influenciadora) as condições que a criaram. Vale dizer, a ética não é puro reflexo de condições materiais...ela retroalimenta a essas condições, dentro da especificidades que são dela, ética.Dentro da luta de classes que está aí, se dando;uma administração popular tem (como uma de suas facetas.)

o papel de evidenciar a uma outra ética, possível, embora eticamente desaprovada pelas condições materiais da sociedade capitalista em que vivemos. Essa exigência, penso eu, é posta a um governo PT.

Ainda nesse assunto, meus amigos, reflitam comigo e interfiram conforme a experiência de vocês. Penso que uma das razões pelas quais o PT estorou nas últimas eleições...acho isso bacana.. foi a razão ética. Penso aqui, por exemplo, na comentada "ingenuidade" do Eduardo Suplicy, penso aqui (por exemplo...) nas posturas do PT diante de inúmeros momentos do colégio eleitoral (em Brasília) e esse PT convicto de certas posturas "chatas", e as pessoas de bom senso dizendo: Por que não?, PT...e esse PT, como se fosse um meninão, - calças curtas, teimosamente convicto de não ir: não vou porque é safado! mas todo mundo tá indo, PT, porque não experientar ir? E ele, meninão teimosamente convicto: vou não, é safado, tô desconfiado. Pois vejo por aí uma afirmação ética: convicção forte. E nesses 10 anos algumas atitudes pareceram demasiado "ingênuas"...mas o povão esteve lendo e decifrando tudo isso. Parece que o povo quer isso.

Claro, vejam bem meus amigos, não estou afirmando que basta isso, - basta essa afirmação ética para transformar uma estrutura capitalista... estou dizendo que esse é um ingrediente importante na transformação.

Paulo...penso que devemos todos crescer nesse assunto de enfrentar e dimensionar à luta de classes em seu aspecto imaginário...ou simbólico. Parece-me que "é mais fácil" enfrentarmos ao Roberto Marinho ou enfrentarmos ao 'Estadão', aqueles órgãos declaradamente da direita...mas fica o desafio de enfrentarmos à Folha...aquela que não é o que parece...nem é o que que é... nem parece ser o que realmente é...como desconfundir? como tratar com esse pessoal? Sei que a questão é complexa...na cidade metropolitana você, Secretário, governa e necessita comunicação; como é que você vai encontrando caminhos... - numa situação em que a administração municipal nem tem rádio, nem tem jornal, nem monopoliza sistemas de formação de opinião pública? Vale dizer, Paulo... penso que é por aí que ocorreu aquela afirmação de Luiza Erundina...PT foi eleito, venceu segundo regras de jogo não populares, venceu segundo critérios burgueses (o voto...) e está trabalhando, tem o que dizer e tem o que fazer, - trabalhando dentro desses parâmetros não muito revolucionários.

Não é por acaso...continuo tua reflexão... não é por acaso que ela, prefeita, anunciou em seu discurso de 100 dias que vai partir rumo à criação de um banco municipal. Evitará por aí uma enorme espoliação...aquela que os - bancos particulares fazem, ganhando com explorar em cima do salário (ou do Fundo de Garantia) do operário municipal. Isso faz parte do necessário caminho de maior autonomia do poder municipal.

E temos descoberto, meus amigos, temos afirmado a necessidade criativa de trabalhar com "poros abertos", trabalhar sem freios na imaginação criativa...dou um exemplo, recente, em que concordamos Marilena e eu...referindo - nos àquele canal comunicador que são os "pixadores" de muros. É um canal. Me lembro, no Chile de Allende, me lembro do potencial enorme desse canal de comunicação. Me lembro, na Chicago dos negros, me lembro do enorme potencial comunicador desses murais.

Outro exemplo, eu o vi durante contatos com movimentos de moradores de periferia, esses veículos de comunicação via sistema de auto falantes, e que permite o contato com aproximadamente 5 mil pessoas. E me pergunto se podemos incrementá-los, aparceiramo-nos com tais experiências de fértil comunicabilidade; minha pergunta tem a seguinte preocupação: ao aparceirarmo-nos, política e economicamente, com esses movimentos sociais, estamos ou não estamos in-

terferindo demasiado, estamos ou não estamos cooptando demasiado a essa fertilidade criadora? Se absorvermos demasiado...estaremos ou não estaremos desarticulando essas experiências pequenas e férteis? Estou perguntando, vejam bem acerca de esses aparceiramentos com organismos oriundos das periferias. A experiência tem mostrado o seguinte: se um organismo (ou movimento) de periferia se une, se faz parceiro de uma determinada gestão...então ele passa a ser quase um cabo eleitoral...e fica criativamente comprometido com os acertos e os erros dessa gestão. E esse movimento ganha gratuitamente inimizades por esse fato. E esse organismo se limita a certas "tradições" da vida política-eleitoral brasileira...

Mas...mesmo colocando essas questões...penso no enorme potencial criativo-comunicador de organismos assim constituídos. Com poucos recursos e muita criatividade eles têm tido vitalidade comunicadora. E têm uma penetrabilidade nas áreas populares que é peculiarmente popular...eles poderiam informar, comunicar acerca do que está havendo nesta gestão.

Além disso, nessa reflexão, ainda, de enfrentamento no campo simbólico, há a possibilidade de dar entrevistas teimosamente pré-acertadas...quando você aposta (uma vez mais...) na sensatez profissional de algum comunicador.- Em meu caso, porque isso me é possível, tenho recebido inúmeros comunicadores, inúmeros jornais ou TV do chamado primeiro mundo. Tenho dito, mostrado dados acerca do que estamos fazendo e pensando. Inúmeras vezes essa reflexão com profissionais da comunicação tem sido mais uma tentativa...me lembro, agora, de uma entrevista com um jornal chamado "tira" jornal de policiais de (São Paulo), e considero importante conversar com o "tira". Me lembro também de uma conversa que saiu bem documentada na revista ELLE, e fizeram uma boa reportagem, tanto que me animei a redigir e mandar pelo correio uma opinião minha sobre a reportagem deles.

Resumindo, para gente ter em mãos essa reflexão de aqui, resumindo àqueles dois déficits que mencionei (a pouca quantidade e a qualidade que precisa ser melhorada...) diria, finalmente, que não são déficits "em si", mas eu diria que são déficits "referentes a". Há um déficit de quantidade na escola pública que é déficit em relação a quem...e há outro déficit, o da qualidade da escola pública, que é um déficit em relação a que...e a quem. Cabe à equipe administrativa das secretarias ensaiar respostas político-pedagógicos' a eles.

Vejo...Paulo...prosseguindo nessa tua reflexão, vejo que inexiste a rigor um interesse e um vigor prá mudanças de situação; em nossa experiência de Secretaria de Educação vejo que existe sim um certo anseio de progressismo, existente sim uma vontade de atualizar-modernizar pedagogias (de preferência seguir aquela mais em moda: por exemplo, esteve em moda K.Kami, está em moda E.Ferreiro, etc). Mas essa ânsia de progressismo não acontece acompanhada da necessária postura politizada...ocorrendo, muitas vezes, que a falta de uma decisão politizada pela mudança faz acontecer mudanças de modo mais autoritário do que propriamente decidido. Até mesmo gente de esquerda...já quem trabalhe bem intencionado...mas com meia dúzia de inteligências, sem muita fé nos quadros...no 'povão".

Mais um ingrediente, Paulo, e que decorre desse momento de reflexão' sobre o trabalho com "povão". Vejo que estamos, gente de esquerda, progredindo no sentido de aprender com o "povão"muito mais sobre ele, "povão". Quero dizer o seguinte: se a direita é competente para criar e divulgar a personagem política Sassá Mutema (por exemplo...)então cumpre-nos recriar a partir dessa personagem. Estaremos maximizando, estaremos redimensionando o entendi

mento possível acerca da politicidade de Sassá; o risco que a direita corre ao tentar por no ar uma certa versão (a dela...) sobre o agir-político é tanto' maior risco quanto melhor soubermos A PARTIR DE RECRIAÇÃO e COMPETÊNCIA acompanharmos os entedimentos que ele (povão) elabora. Estamos crescendo, penso eu, nesse trabalho de "desideologizar". E como fazer é algo de inventar, criativamente "reideologizando". Algo ocorre aí, Paulo, que nós pouco sabemos...e me refiro à re-elaboração que o "povão" sempre vive e discute em seu dia a dia. Pois bem, essa re-elaboração, eu a vejo parceira necessária daquilo que tu dizias acerca da politicidade com que a Administração enfrenta obtáculos. A novela, no exemplo que mencionei, a novela é tomada e retomada pela re-elaboração' popular de várias maneiras; dizer que tudo isso é apenas inculcação ideológica de direita é entender apenas parte do que ocorre.

Me ocorre, teorizando um tanto mais em cima do que você diz, me ocorre dizer que estamos melhor mostrando à cotidianeidade. Vale dizer, criadora - mente temos pela frente o desafio de ler melhor ao cotidiano que a imprensa, a TV, trazem "já lido" ao ser humano popular. Propomos a ela, cotidianeidade, - como problema para o entendimento de seres humanos, cidadãos, por nós envolvidos em atos de pedagogia politizadora. O sujeito toma, assim, o seu dia a dia como pré-ocupação. Na análise pré-ocupada de suas ocupações diárias esse sujeito vai descobrindo a razão de ser desvantajosa das ocupações. É caminho para melhor ainda descobrir a razão de ser que ele, Sujeito, sofre como espoliado ' cultural pela imprensa e pela TV burguesas.

Coloco um dado aí, Paulo, que todos nós sabemos de atuar com ele: a grande imprensa de direita, as revistas tipo "veja", elas se dirigem não é ao povão; elas se dirigem à classe média, em geral, e elas contam com essa classe como intermediária (as vezes aliada...) para alcançar o povão, propriamente dito. O combate ideológico passa por esse momento, aquele em que se formam agentes intermediários de formação de opinião pública...

Nesse sentido, peço aqui ao Wanderley - linguista - prá ele, em nossa próxima sessão reflexiva, inicie comentando o que está sendo feito, o que ele anda tematizando.

Imaginem vocês...quero contar aqui um episódio...tenho me reunido com vários garotos, reunidos de diversas escolas, reunidos em um Centro de Cultura, da Secretaria de Cultura...reuni-me com essas crianças, sem a presença ' de suas professoras . Cerca de 50 crianças, um dia inteiro, batendo papo comigo e com outros profissionais. Duas assessoras prepararam esse encontro, e... uma das atividades foi expressar O QUE ELAS TEM COMO POSIÇÃO ACERCA DE SUA (DELES) ESCOLA. Eles desenharam, expressando, durante um certo tempo, sua concepção da escola. Notei que sairam desenhos ou montagens fortes: houve quem fizesse escola como uma fortaleza, houve quem concebesse escola como prolongamento de casa...Em outro período, houve representações deles mesmos (crianças) representando a relação professor/aluno. Notei como a figura do professor é autoritariamente representada. Aquele (a) que pune, aquele que manda malvadamente...Ao final, as crianças me entrevistaram, eu sentado numa espécie de palco, notei que aquelas crianças muito soltamente se dirigiram a mim..."Oh, Paulo... e vinham perguntas. Uma coisa que eu reflito, meus amigos, não sei se é questão de expressão, não sei se é questão de meu tipo ou meu porte...mas as crianças muito soltamente vinham..."Olha, Paulo", e sem se atropelar em títulos, ' sem se acanhar com degraus hierárquicos. Gosto disso, tenho observado isso no mundo todo... Pois bem, eles vinham e diziam:

:- Paulo...um aluno faz algo errado...na escola. Aí, Paulo, vem a professora e coloca no chão duas pedrinhas e, em cima das pedrinhas coloca a

criança de joelho. Você acha isso certo?

:- eu vou e digo: não, eu não acho isso certo

:- eles prosseguem: e você vai deixar que isso continue assim, desse modo?

:- eu digo: olha, eu não concordo com essa medida. Sou contra. E você, criança, pode observar que faz muitos anos que, no Brasil, essa atitude foi inventada, prá domesticar pessoas. Eu vou acabar com isso...mas essa coisa' não se acaba assim: da noite para o dia.

:- mas, Paulo, você vai punir ou não vai punir essa professora que faz assim?

E eles acabam perguntando logo o que é que eu pretendo fazer para punir essa professora. Querem é me botar logo na parede prá arrancar do Secretário uma posição...queriam saber se eu ia botar professoras de joelho também.

Digo que não, não posso. Digo que tenho aqui alguns profissionais,- os juristas, eles me dizem que é que pode ser feito pra ajudar ao Secretário nesses casos. E surge aí uma repreensão, uma advertência. Escreve-se.

E as crianças voltam a atacar.

Mas, olha Paulo, tem outro castigo também. Tem professora que bota aluno prá ficar "cheirando parede", em pé. Ouvi isso, ao vivo, numa das muitas visitas que andei fazendo. Visitas assim, de improviso. Quando eu entro, a professora vai dizendo prás crianças:

"Que é que se diz quando vem uma visita?"
"BOA TARDE..."

E eu, meus amigos, nem imaginava que ainda houvesse disso.

Perguntei, algumas vezes, dentre outros assuntos: e a professora aqui, de vocês, ela é brava? Eles: "nãão!" Eu pergunto, sem seguida: mas tem hora de ela dar aí uma bronca? Eles: Sim...ela dá bronca, e bota nós para - "Cheirar parede".

A professora me chamou, assim de lado, dizendo: professor, era outra, viu, havia outra professora...estou substituindo.

Aí...naquele dia de reunião com os 50 alunos...aproveitei e contei' essa minha visita, contei esse episódio e perguntei se havia ou não um certo exagero. E eles, meninos e meninas, notem que á escola constrói isso com eles, há uma certa positividade...a escola permite uma certa desenvoltura, eles falam, usam da linguagem, com excelente postura. Vale dizer, escola constrói - isso apesar de uma severidade.

Vejam, meus amigos que situação. Eu não devo, nem posso, me apresentar em qualquer dessas escolas como uma ameaça. Como um perigo, Mesmo que eu tivesse absoluta certeza de quem ameaça crianças...eu não posso ser, eu mesmo, outro perigo...pois provocarei resistência e medo. Mas não terei provocado mudanças, caso seja eu próprio um perigo. Devo então, provocar mudanças; deverei seduzir pessoas para que estas sintam-se tentadas a mudar. Vejam: claro que nenhuma professora está obrigada a amar aquelas crianças...não pode amar aquela criança como se fosse um filho. Mas eu, pedagogo e administrador, posso contribuir para despertar aquela amorosidade para com o processo. Quando se amar ao processo de alfabetização...desaparecerão os meninos de cara cheirando parede. Além disso, como contribuição minha prá extrojetarmos a velha marca da educação brasileira (refiro-me ao autoritarismo), para desaparecermos com isso... outra contribuição é o aperfeiçoamento científico.

Outro exemplo, Paulo, quero te comentar, acerca do autoritarismo.

Além do "cheira-parede", autoritarismo contra o que a criança pode e acaba se rebelando...há aquele da castração. Da interdição do corpo. É autoritarismo contrário à expressividade. Trouxe aqui duas redações, dois escritos de uma mesma criança. O primeiro deles, do 2º dia de aula, a criança escreveu - uma história em 20 de fevereiro. Comenta o carro, o sol perdido, comenta a frequência à piscina (pública, do parque dela criança). Comenta que se cansou de nadar e foi brincar de carrinho.

O texto que foi escrito no segundo dia de aula recebeu três avaliações "f" de fraco: idéia "f", ortografia "f" e pontuação também "f", avaliações também da professora. Ela coloca três "F" nele.

Essa professora veio me dizer que tal criança, aprovada pelo ciclo básico não merece estar em segundo ano, terceira série. E ela me trouxe um segundo texto da mesma criança: texto doa dia 05 de abril. O texto se compõe apenas de frases, é um ditado, frases desarticuladas, se analisamos a orto - grafia ELA PIOROU. Obviamente a professora notou isso e concluiu que essa criança não merece estar aprovada em 3ª série. Ela diz que tal criança merece voltar, retroceder à 2ª série. Quero dizer, esse tipo de castração vai inibindo a criança tanto pelas avaliações que apenas dirigem a atenção para uma perfomance de tipo "certo/errado"...como também desviam a criança do aspecto criador de discursos ou textos escritos. É o autoritarismo pela via didática, ação em sala de aula, cuja função é apenas verificação: verifica-se que o sujeito sabe ou não sabe algo já pronto, uma língua acabada. Ele inicialmente na alfabetização torna-se um aprendiz, aquele que age apenas para introjetar.

De aí a importância do controle. Pois as atividades não estimulam a criar, nem estimulam ao convívio criador de textos/linguagem. A didática se torna controle.

Bem, meus amigos...introduzindo-nos nesse tema preparamo-nos para conversar, semana próxima, com o Wanderley.